

***Calidris alpina***  
Pilrito-de-peito-preto

**Taxonomia:****Família:** *Scolopacidae***Espécie:** *Calidris alpina* (Linnaeus 1758)**Código da Espécie :** A149**Estatuto de Conservação da espécie:****Global** (UICN 2004): LC (Pouco preocupante).**Nacional** (Cabral *et al.* 2005): LC (Pouco preocupante).**Espanha** (Madroño *et al.* 2004): LC (Pouco preocupante).**SPEC** (BirdLife International 2004): 3 (Espécie com estatuto de conservação desfavorável, não concentrada na Europa).**Protecção legal:**

- Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril, Transposição da Directiva Aves 79/409/CEE de 2 de Abril de 1979, com a redacção dada pelo Decreto-Lei nº 49/2005 de 24 de Fevereiro - A subespécie *Calidris alpina schinzii* (Brehm1822) está incluída no Anexo I.
- Decreto-Lei nº 316/89 de 22 de Setembro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Berna - Anexo II
- Decreto-Lei n.º 103/80 de 11 de Outubro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Bona - Anexo II

**Fenologia:** Invernante e migrador de passagem**Distribuição:**

**Global:** Tem uma distribuição holártica, nidificando em regiões árticas e subárticas, ocorrendo ainda como nidificante nas zonas temperadas no Norte da Europa. As subespécies desta região, na época de reprodução, ocorrem na Alemanha, Bélgica, Bielorrússia, Dinamarca (incluindo as Ilhas Féroe e a Gronelândia), Estónia, Finlândia, Holanda, Islândia, Letónia, Lituânia, Noruega (incluindo Svalbard), Polónia, Reino Unido, República da Irlanda, Rússia e Suécia (BirdLife International/European Bird Census Council 2000). No Inverno distribuem-se predominantemente pelas zonas húmidas costeiras das regiões temperadas e subtropicais, desde o sudoeste da Europa e noroeste de África até ao noroeste da Índia e raramente ao Bangladesh (del Hoyo *et al.* 1996). Na Europa encontra-se na Alemanha, Bélgica, Bulgária, Chipre, Dinamarca (incluindo as Ilhas Féroe), Eslovénia, Espanha (incluindo as Ilhas Canárias), França, Grécia, Holanda, Itália, Polónia, Portugal, Reino Unido (incluindo Guernsey, Jersey e Ilha do Homem), República Checa, República da Irlanda, Roménia, Rússia, Suíça e Turquia.

**Nacional:** Em Portugal ocorre sobretudo ao longo da faixa litoral, os estuários do Tejo e do Sado, a Ria de Aveiro e a Ria Formosa albergam, no seu conjunto, a maioria da população invernante no nosso país. O estuário do Tejo pode albergar, em alguns anos, mais de 1% da população invernante da costa oeste europeia (Farinha & Costa 1999).

**Tendência Populacional:**

A estabilidade tem caracterizado a tendência registada nos últimos anos para esta espécie. Contudo, a subespécie *C. a. schinzii* tem apresentado decréscimo do número de efectivos na sua área de distribuição (Wetlands International 2002).

fauna, *aves***Abundância:**

Mais de 62 000 indivíduos permanecem em Portugal durante o Inverno e muitas mais aves usam a costa portuguesa durante a sua migração para África (Lopes 2004).

**Requisitos ecológicos:**

**Habitat:** O habitat ocupado por esta espécie é composto pela presença de água e de zonas sem vegetação ou com vegetação herbácea de pequena dimensão. Evita zonas secas pedregosas ou rochosas e locais com densa vegetação ou arbustos altos. Encontra-se frequentemente associada a extensas áreas lamacentas deixadas a descoberto na maré baixa, rica em invertebrados. Também ocorre regularmente em estuários, salinas, lagoas costeiras, terrenos alagados, arrozais, açudes e barragens.

As salinas, praias e bancos de sapal, constituem importantes áreas de refúgio das marés. A actividade desta espécie tende a seguir o regime das marés mais do que a periodicidade diurna. Descansa nos estuários e durante a maré alta em salinas, ilhas ou zonas de sapal, geralmente estendendo-se ao longo da linha de água.

**Alimentação:** Sobretudo pequenos invertebrados (poliquetas e gastrópodes), mas também insectos, crustáceos, bivalves e, ocasionalmente, pequenos peixes e matéria vegetal.

**Reprodução:** Não se reproduz em Portugal.

**Ameaças:**

A **pressão urbanística e turística da zona litoral**. O crescente interesse sobre a faixa litoral para a instalação de complexos turísticos, tem afectado fortemente as zonas habituais de descanso e alimentação desta espécie, quer pela ocupação do solo, com a consequente destruição ou alteração do habitat, quer por um aumento significativo de perturbação que esses empreendimentos induzem em toda a área envolvente das zonas húmidas;

A **poluição da água**, por efluentes domésticos, industriais e agrícolas. No Inverno esta espécie ocupa preferencialmente zonas estuárias, sendo extremamente vulnerável a incidentes relacionados com a poluição.

O **abandono e reconversão da actividade salineira tradicional**. As salinas constituem importantes áreas de refúgio de marés e alternativa na busca de alimentação, quando as zonas habituais estão submersas ou são perturbadas; A transformação ou destruição de salinas, importante habitat de alimentação, deixa esta espécie em muitos casos sem habitat alternativo.

A **colisão com linhas aéreas de transporte de energia** pode ser um importante factor de mortalidade, particularmente em dias de fraca visibilidade, quando aquelas estruturas são colocadas perto das áreas utilizadas pela espécie ou nas suas rotas de migração;

A **instalação de parques eólicos** em corredores importantes para a migração e dispersão de aves pode constituir uma importante factor de mortalidade da espécie através da colisão nas pás dos aerogeradores. Os traçados eléctricos que estão associados aos parques eólicos constituem outro problema importante devido aos subsequentes riscos de colisão.

**Objectivos de Conservação:**

Manter a presença da população invernante no país.

Conservar as principais zonas de descanso e alimentação.

Promover a continuidade das rotas migratórias.

fauna, aves

**Orientações de Gestão:**

- Manter as salinas em actividade e efectuar gestão adequada das salinas abandonadas, nomeadamente através de medidas específicas de incentivo, nas áreas mais importantes para a conservação da espécie;
- Incrementar a sustentabilidade económica das salinas, nomeadamente através da certificação de produtos;
- Manter e melhorar a qualidade da água pelo tratamento eficaz das descargas de efluentes. Fiscalizar e controlar o funcionamento e eficácia das ETAR e monitorizar a qualidade da água;
- Restringir o uso de agro-químicos e adoptar técnicas alternativas;
- Condicionar expansão urbano-turística;
- Proibir a instalação de linhas eléctricas de transporte de energia nas áreas mais importantes para a espécie;
- Equipar as linhas eléctricas de transporte de energia já existentes, e que se revelem mortíferas para a espécie, com sinalizadores anti-colisão;
- Condicionar a instalação de parques eólicos nas áreas mais importantes para a migração e dispersão da espécie.
- Ordenar e regulamentar a actividade de observação de aves;
- Desenvolver estudos de monitorização do impacte das linhas eléctricas de transporte de energia já existentes, de forma a conhecer o seu efeito na população nacional destas aves;
- Monitorizar as populações do Pilrito-de-peito-preto nos estuários;
- Elaborar os planos de gestão / ordenamento dos locais de que a espécie depende, nomeadamente das ZPEs mais importantes para a espécie.

**Outra informação relevante:**

A espécie *Calidris alpina* é uma migradora de longa distância com uma distribuição circumpolar da sua área de reprodução, sendo conhecidas nove subespécies (del Hoyo *et al.* 1996). Ocorrem em Portugal três subespécies (*C. a. alpina*, *C. a. schinzii* e *C. a. arctica*) que integram bandos mistos. Estas subespécies são definidas por características morfológicas (e.g. tamanho e coloração da plumagem) só distinguíveis nas aves capturadas, pelo que as contagens se realizam sobre a espécie. A *C. a. schinzii*, devido ao decréscimo do número de efectivos foi recentemente incluída no anexo I da Directiva Aves.

**Bibliografia:**

BirdLife International / European Bird Census Council (2000). *European bird populations: estimates and trends*. BirdLife Conservation Series nº 10, BirdLife International, Cambridge.

BirdLife International (2004). *Birds in Europe: Population Estimates, Trends and Conservation Status*. BirdLife Conservation Series nº 10, BirdLife International, Cambridge.

Cabral MJ (coord.), Almeida J, Almeida PR, Dellinger T, Ferrand de Almeida N, Oliveira ME, Palmeirim JM, Queiroz AI, Rogado L & Santos-Reis M (eds.) (2005). *Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal*. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.

Costa H, Araújo A, Farinha JC, Poças MC & Machado AM (2000). *Nomes Portugueses das Aves do Palearctico Ocidental*. Assírio & Alvim, Lisboa.

Cramp S & Simmons KEL (eds.) (1983). *Handbook of the Birds of Europe, the Middle East and North Africa, (Waders to Gulls)*, Vol. III. Oxford University Press, Oxford.

Farinha JC e Costa H (1999). *Guia de Campo das Aves Aquáticas de Portugal*. Instituto da Conservação da Natureza, 268pp.

fauna, aves

Del Hoyo J, Elliott A & Sargatal J (eds.) (1996). *Handbook of the Birds of the World (Hoatzin to Auks)*, Vol. 3. Lynx Edicions, Barcelona.

Lopes RJ (2004). *Migration and winter dynamics of Dunlin Calidris alpina in Portugal*. Dissertação para obtenção do grau de Doutor em Biologia (especialidade Ecologia). Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Madroño A, González C & Atienza J C (eds.) (2004). *Libro Rojo de las aves de España*. Dirección General de Conservación de la Naturaleza , Ministerio de Medio Ambiente / Sociedad Española de Ornitología / BirdLife, Madrid.

UICN (2004). *2004 IUCN Red List of Threatened Species*. <<http://www.redlist.org>> .

Wetlands International (2002). *Waterbird Population Estimates – Third Edition*. Wetlands International Global Series No. 12, Wageningen, The Netherlands.